

“OS PORTUGUESES DIZEM IR À CIDADE. OS BRASILEIROS, NA CIDADE. EU SOU BRASILEIRO.”¹: UM CASO DE REGÊNCIA

Telma Souza Bispo Assis²
Elisângela dos Passos Mendes³

RESUMO: *A regência no verbo de movimento “ir” no português brasileiro (doravante PB) apresenta diferentes possibilidades de realização, a saber: a) com a preposição a (ex: eu vou à cidade); b) com a preposição para (ex: eu vou para a cidade); c) com a preposição até (ex: eu vou até a cidade); d) e com a preposição em (ex: eu vou na cidade). Este trabalho apresenta uma análise empírica da regência variável do verbo de movimento “ir” no português popular brasileiro (doravante PPB), estabelecendo um paralelo com outras variedades da língua portuguesa, como a angolana e a moçambicana. Foram analisados os dados da linguagem oral de 12 informantes, sendo seis inquiridos do corpus PEPP e seis do PPOM, que possuem acervo de amostras da fala espontânea do português de Salvador e Maputo, respectivamente. Os resultados da análise quantitativa demonstraram no PB um predomínio da preposição “para”, com 61% de realização, e um uso equilibrado de “a” e em no português moçambicano, com percentual de 34% e 31%. Entretanto, os contextos que condicionam o fenômeno apresentaram resultados semelhantes nas variedades brasileira e moçambicana.*

PALAVRAS CHAVE: Regência do verbo *ir*; Português brasileiro; Português moçambicano

1. INTRODUÇÃO

O PB apresenta uma realidade lingüística heterogênea, plural (LUCCHESI, 2001; CALLOU, 2006). Assim, em um extremo, estariam situadas as normas cultas, e no outro, as normas vernáculas, que, na visão de alguns autores, a exemplo de Bortoni-Ricardo (2006), se distribuem ao longo de um *continuum*, influenciando-se mutuamente. De acordo com Lucchesi (2001):

enquanto no português popular, verifica-se uma tendência de mudança para “cima”, não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto (ou semiculto); no português culto, assiste-se a uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matiz europeu, uma mudança que se pode definir como “para baixo”. Se é clara a influência “de cima para baixo” sobre as camadas populares, pode-se postular também uma influência “de baixo para cima” sobre as camadas médias e alta. (LUCCHESI, 2001)

Em posição semelhante, Bortoni-Ricardo (2006) afirma que há, no PB, dois tipos de regras variáveis:

[...] regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que

¹ Poema de Mário de Andrade.

² Autora - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (UFBA); e-mail: tsbassis@hotmail.com.

³ Co-autora - Bolsista CNPq, nível de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística (UFBA); e-mail: lilapmendes@ig.com.br.

definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros[...]" (BORTONI-RICARDO, 2006, p.40)

A regência variável do verbo de movimento *ir*, cujo complemento pode ser realizado com as preposições *a* (vou **à** cidade), *para* (vou **para** a cidade), *em* (vou **na** cidade) e com a *ausência da preposição* (vou lá), é um dos fenômenos que afeta os falantes que se situam em qualquer posição no *continuum* de variedades do PB. No entanto, é importante ressaltar que, ao contrário dos falantes das normas cultas, que utilizam *a*, *para* e *em* nas construções com o verbo de movimento *ir*, os falantes do português popular utilizam apenas *para* e *em*.

Neste trabalho, será apresentada uma reflexão sobre a regência variável do verbo de movimento *ir* no português brasileiro, apresentando o comportamento do fenômeno em algumas línguas românicas (perspectiva histórica), nas variedades africanas de língua portuguesa (a angolana e a moçambicana), e no português popular brasileiro, especificamente na fala de Salvador, em que será traçada um paralelo com a variedade moçambicana. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, utilizando amostras de fala espontânea de falantes do português popular brasileiro (Salvador) e moçambicano (Maputo), a fim de detectar os contextos que condicionam a realização do verbo de movimento "ir" com os diferentes complementos preposicionados.

3. A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO DE MOVIMENTO *IR*

3.1 A regência variável do verbo de movimento *ir* nas variedades africanas: o caso de Angola e Moçambique

Apesar de a língua portuguesa, a partir do período renascentista, ter reservado a preposição *a* para ser utilizada com os verbos de movimento, segundo Rocha Lima (ROCHA LIMA apud BAGNO, 2000, p.252) :

cabe lembrar que na linguagem oral da época dos Descobrimentos, eivada de arcaísmos e flutuante sob muitos aspectos, foi a que se transplantou para o grande império ultramarino fundado em terras de África, da Oceânia e da América – "o mundo que o português criou". Natural, portanto, que, de envolta com outros numerosos traços – facilmente documentáveis – da referida instabilidade lingüística, houvessem os Navegadores levado a remotas viagens do seu vastíssimo domínio a construção do tipo *verbo de movimento + em* . E ela é a que realmente viceja no território africano de Angola, assim como no solo Asiático de Goa [...] além de se ter enraizado na linguagem popular do Brasil. (ROCHA LIMA apud BAGNO, 2000)

A afirmação de Rocha Lima encontra respaldo no estudo "A interferência do Kimbundo no português falado em Lwanda", de autoria de Amélia Mingas (2000). A autora afirma que "os bilíngues angolanos que se encontram ao nível do bilíngüismo funcional" não conseguem estabelecer a diferença entre as diversas funções espaciais realizadas no português com as preposições /para/, /em/ e /a/, produzindo frases, como :

(01) Vão depressa **na** casa do camarada Nazário.

em vez de :

Ide depressa **à** casa...

(02) Ainda antes de irem **na** cama

Em vez de :

Antes de irem **para a** cama

(03) E a darem cinturões nas pessoas que iam **no** beco

em vez de :

E a darem cintruões às pessoas que iam **ao** beco

Estes exemplos, embora sejam retirados de textos da literatura angolana, na tentativa dos escritores de reproduzirem as peculiaridades da língua portuguesa falada em Angola, verifica-se a regência do verbo de movimento *ir*, em todos os exemplos, com a preposição *em*. Contudo, afirma Mingas que exemplos deste tipo "são numerosos e de captação fácil, pelo que a maioria dos escritores angolanos os utiliza" (MINGAS, 2000, p.77).

Em outra variedade de língua portuguesa no território africano, a moçambicana, observa-se, segundo Vázquez Cuesta (1994), "uma certa anarquia no uso ou omissão das preposições, que em todo o caso são utilizadas de modo muito diferente de como as emprega o português europeu" (VÁZQUEZ CUESTA, 1994), como se pode verificar nos exemplos (04) e (05), extraídos da obra de Mia Couto:

(04) Custava **para** acreditar que fosse a mesma

em vez de :

custava **a** acreditar que fosse a mesma

(05) uma mãozinha gorda lhe agarrou **na** gravata

em vez de :

uma mãozinha gorda lhe agorrou **pela** gravata

Com a regência do verbo de movimento *ir*, observados em amostras da oralidade da língua portuguesa falada em Moçambique, na região de Maputo, foi constatada a variação com as preposições **a** (06), **para** (07) e **em** (08). Abaixo são enumerados alguns exemplos:

(06) ele é mal educada talvez ele não foi **à** escola

pessoa deve mor(r)er - - não vai **ao** hospital - - porque não existe transporte

(07) uma criança hoje se não dá lanche - - não vai **para** a escola

(08) meninas não tem medo de ir **em** casa do namorado

ia **lá** na casa dele saber se está doente ou não

Considerando os exemplos acima mencionados e as observações realizadas por Mingas (2000) e Vázquez Cuesta (1994), pode-se afirmar que, a exemplo das variedades angolana e moçambicana, a língua portuguesa falada no Brasil apresenta variação com o uso dos

complementos preposicionados com o verbo de movimento *ir*, o que possibilitou a realização de diversos acerca desse tema, que serão apresentados e discutidos na próxima seção.

3.3 A regência variável do verbo de movimento *ir* no português brasileiro

Os estudos de Amaral (1920), Marroquim (1931) e Nascentes (1953), que caracterizam a segunda fase dos estudos dialetais no Brasil (cf. Ferreira e Cardoso, 1994), embora pioneiros, contribuíram significativamente para o conhecimento das variedades populares brasileiras, descrevendo aspectos da fonética, da morfologia e da sintaxe, dentre os quais, destaca-se a regência variável do verbo de movimento *ir*. Amaral (1920), observando o dialeto caipira de São Paulo, declara que “o lugar *para onde* é indicado com auxílio da preposição **em**” (AMARAL, 1920, p.28), como exemplifica com as construções “eu fui **im** casa” e “ia **na** cidade”.

Marroquim (1931), cuja análise concentra-se no dialeto nordestino (Alagoas e Pernambuco), afirma que os verbos de movimento são regidos pela preposição *em* e que essa construção é comum no Nordeste, em todas as classes, e em todo o Brasil.

Nascentes (1953), com base no dialeto carioca, também atestou a construção da regência dos verbos de movimento com a preposição **em**, concluindo que “[...] o fenômeno é tão brasileiro que o emprego de *a* (por parte dos que tem medo de passar por faltosos) dá um tom lusitano à frase” (NASCENTES, 1953, p. 171).

Os fatos acima explicitados têm sido corroborados por estudos sociolinguísticos mais recentes (MOLLICA, 1998; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2008). No entanto, os autores destacam que as construções “*verbo de movimento ir + em*” são muito mais freqüentes nas variedades populares, que co-ocorre e concorre com o “*para*”, visto que a preposição *a* é utilizada somente em expressões cristalizadas como “*ir à luta*”. Por outro lado, é válido ressaltar que, mesmo nas variedades cultas, os falantes hesitam no uso da construção “*verbo de movimento ir + a*”, sendo mais recorrente a realização do verbo de movimento *ir* com o complemento preposicionado *para*, como em “*eu vou para a cidade/eu vou para o cinema*”. Assim, conforme sintetiza Mollica (1998), há no português brasileiro “três possibilidades de uso, com duas variantes previstas pelo padrão culto [*a e para*] e uma terceira repudiada [*em*]” (MOLLICA, 1998, p.150) de forma que se pode pensar em uma “[...] possível hierarquia entre as formas, imaginando uma escala em que a forma *a* seja considerada mais padrão que *para*, em contraposição com *em*, não-padrão” (MOLLICA, 1998, p.163).

Na variedade culta do português brasileiro, Ribeiro (1996, 2000 e 2008), fundamentando-se em amostras de fala do *corpus* Projeto NURC, declara que “é importante notar a baixa freqüência da variante **em** quando comparada à do conjunto das outras duas, **a/para**”, o que, segundo o autor, pode estar correlacionada “à pressão da norma[padrão], a que estão sujeitos os informantes da pesquisa”(RIBEIRO, 1996, p.53). E, a partir de uma comparação entre o português culto e o português popular, com base no *corpus* do Projeto VALP⁴, Vallo (2003) destaca que “[...] entre as variáveis padrão **a** e **para**, a variante **para** é mais aplicada do que a variante **a** e esta é menos utilizada do que a variante **em**.” (VALLO, 2003). Esses estudos, por um lado, confirmam a “possível hierarquia” citada por Mollica, e, por outro, apontam, no que se refere às variantes padrão *a* e *para*, uma preferência dos falantes, de um modo geral, pelas construções com o verbo de movimento *ir* com o complemento preposicionado *para*.

Neste trabalho, a fim de, em primeiro lugar, contribuir com as análises sobre os processos de variação e mudança no português brasileiro, sobretudo em sua(s) variedade(s) popular(es), e em segundo, compreender os contextos que condicionam a regência variável do verbo de

⁴ Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALP)

movimento *ir*, com o uso das preposições *a*, *para* e *em*, será apresentada a seguir uma análise variacionista no português popular de Salvador.

3.3.1 A regência variável do verbo de movimento *ir* no português popular de Salvador e moçambicano : uma análise comparativa

3.3.1.1 O *corpus*

O *corpus* utilizado na nossa análise é constituído por amostras de fala espontânea, reunidas no acervo do projeto PEPP, que surgiu em contraposição ao Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta (doravante NURC), a partir da necessidade de sistematizar dados sobre o português falado pelas camadas populares na cidade de Salvador. Dentre os critérios estabelecidos para a seleção dos informantes, exigiu-se que estes fossem naturais de Salvador, com pais também nascidos na cidade, e que nela tivessem passado a maior parte de suas vidas. O acervo é composto por 48 inquéritos, distribuídos e organizados de acordo com os seguintes aspectos: (i) faixa etária (15 a 24 / 25 a 35/ 45 a 55/ + de 65) (ii) escolaridade (primário e ginásio); (iii) sexo (masculino e feminino). Mas, para se chegar aos resultados que serão aqui discutidos, foram analisados 6 inquéritos, (re)distribuídos da seguinte maneira: (i) faixa etária (25 a 35/ 36 a 55/ + de 56) (ii) escolaridade (1-4 anos de escolaridade); (iii) sexo (masculino e feminino).⁵

3.3.1.2 A análise

A análise, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana, observou a regência variável do verbo de movimento *ir* que no português brasileiro, apresenta cinco possibilidades de realização, sendo assim estabelecida a seguinte variável dependente:

(i) Ir +a

(09) trabalhei lá um ano, quando eu saí de lá eu fui **ao** Rio, fiquei no Rio uns seis meses depois eu vim embora.

(ii) Ir + para

(10) ... aí eu aprontava mesmo, quando eu saía do, da aula eu ia **pra** casa.

(iii) Ir +em

(11) é muito difícil ele ir **em** Simões Filho, em minha casa, mas ele não vai mais porque minha tia mora lá.

(iv) Ir + até

(12) ... a gente está vivendo essa vida aqui, vivendo com ele lá, eu fui **até** o juizado de menor pra ver se pega e leva ele.

(v) Ausência da preposição

⁵ A reorganização do corpus foi necessária para compatibilizar o corpus do PEPP com o PPOM, que é constituído por amostras de fala do português moçambicano (Maputo), que será aqui também analisado, na tentativa de estabelecer um paralelo com o português brasileiro acerca dos usos dos complementos preposicionados com o verbo de movimento *ir*.

(13) ... “venha cá, você quer namorar comigo”, “quero, ah mas você vai ter que falar com o meu pai”, “então eu **vou lá** amanhã e falo com o seu pai”

No *corpus*, encontraram-se 105 ocorrências do verbo de movimento *ir* com os complementos locativos acima referidos, que depois de codificadas, considerando as variantes explanatórias[-**permanente**]/ [+**permanente**] e [+**fechado**] [-**fechado**], foram quantificadas com o auxílio do pacote de programas VARBRUL.

Os percentuais de realização das variantes e dos contextos condicionantes serão apresentados nas tabelas abaixo, em paralelo aos resultados obtidos com a variedade moçambicana:

TABELA 1: As preposições selecionadas pelo verbo de movimento *ir* no português popular de Salvador:

Preposição	Nº de ocor./TOTAL	Frequência
Para	64/105	61%
Em	30/105	29%
Ausência de preposição	09/105	9%
A	01/105	1%
Até	01/105	1%

A tabela 1 demonstra que no português popular de Salvador a preposição *para* tem uma frequência expressiva com 61% de realização; em seguida, apresenta-se a preposição *em*, com índice quantitativo de 29%, que, ao contrário das variantes *a* (1%) e *até* (1%), ainda é bastante recorrente nesta comunidade de fala; a variante *ausência da preposição* não é uma estratégia muito utilizada, apresentando apenas 9% de realização. Desse modo, de acordo com os resultados acima, infere-se que os falantes dessa comunidade de fala praticamente utilizam a preposição *a* com o verbo de movimento *ir*.

Todavia, em um paralelo estabelecido com o português popular moçambicano, verificou-se que os falantes estão sofrendo mais a pressão do português europeu, visto que, por serem bilíngües, aprendem como segunda língua o português padrão, realizando a preposição *a* junto ao verbo de movimento *ir*, totalizando 34% de realização. Por outro lado, o uso com a preposição *em* com o verbo *ir*, contexto semelhante ao do português brasileiro, apresenta um percentual significativo de realização com 31%. Quanto à preposição *para*, nota-se que, no português moçambicano, esta ocupa uma terceira posição na preferência dos falantes da comunidade de Maputo, enquanto que os falantes do português popular de Salvador a selecionam, preferencialmente, para complemento do verbo *ir*. Os dados de Moçambique estão sintetizados na tabela 2:

TABELA 2: As preposições selecionadas pelo verbo de movimento *ir* no português popular de Moçambique:

Preposição	Nº de ocor./TOTAL	Frequência
A	24/71	34%
Em	22/71	31%
Para	17/71	24%

Sem preposição	08/71	11%
Até	0/71	0%

Aqui vale ressaltar que no PB as preposições *em* e *para* apresentam modificações fonéticas. Estas podem ser realizadas como “*pra*” (ex: eu vou *pra* cidade), “*pa*” (ex: eu vou *pa* cidade) e “*po*” (ex: eu vou *po* cinema); e aquelas como “*ni*” como (ex: eu vou *ni* Ondina). No português de Moçambique, não foram encontradas ocorrências desse tipo, o que também pode estar associado à influência do português europeu, visto que os falantes bilíngües empregam, por exemplo, a preposição *para* acompanhada do artigo (ex: eu vou *para a* escola).

O complemento locativo do verbo de movimento pode ser expresso por um SN ou por uma partícula adverbial, conforme exemplificado abaixo:

(14) fui **para** lá - - cheguei lá - - estive no / na província de karl marx.

(15) ... mas aquele outros que vai **para** Rodoviária, não era assim era diferente, né?

Em função da variável *a natureza do objeto locativo*, constata-se que as partículas adverbiais junto a o verbo *ir*, são, quase sempre, realizadas com a variante *ausência da preposição*, no PB. Por isso, foram retiradas da base de dados as ocorrências com as partículas adverbiais do *corpus*, assim como também foram excluídas as preposições *a*, *até e*, *a ausência de preposição* devido à frequência residual dessas ocorrências.

Os resultados abaixo serão, portanto, apresentados de acordo com as ocorrências das preposições *para* e *em* junto aos complementos realizados por um *SN locativo*, com um total de 89 ocorrências, que foram organizadas de acordo com os seguintes fatores condicionantes:

a) a natureza do deslocamento

A natureza do deslocamento, segundo Mollica (1998), a natureza do deslocamento será [-permanente] quando o movimento “dá a entender que a ida é só para um certo fim, voltando depois”; e [+permanente] quando o movimento ou direção para algum lugar “denota a idéia acessória de demora ou destino”, como nos exemplos (31) e (32):

[-permanente]

(16) as outras pessoas que você conhece dá insegurança, vê que só quer farra, um dinheirinho pra tomar uma cervejinha, ir **no** cinema, brincar, deitar, rolar, mas na hora você não sente aquela firmeza daquela pessoa.

[+permanente]

(17) olha a gente vai sair de férias para o mês, você quer ir mais eu lá pra, lá **pra** o interior?”

TABELA 3: A preposição selecionada pelos verbos de movimento junto a SN's locativos no português popular de Salvador, segundo a natureza do deslocamento:

	Para		Em	
	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.
[- permanente]	43/73	59%	30/73	41%
[+permanente]	16/16	100%	0/16	0%
Total	59/89	66%	30/89	34%

Na tabela 3, verifica-se que quando a natureza do deslocamento é [-permanente] apresenta-se como contexto favorecedor a preposição *em*, com um percentual de 41%, enquanto que o deslocamento [+permanente] é categórico com o uso da preposição *para*.

Em comparação com o português falado em Maputo, observa-se um resultado semelhante, uma vez que, nesta variedade, a preposição *em* está associada à natureza do deslocamento [-permanente], com um percentual de 45%(33), e, em contrapartida, o deslocamento [+permanente] está relacionado à preposição *para*, com um percentual de 53%(34), conforme tabela 4:

[-permanente]

(18) sim porque o namoro de hoje entram dentro de casa meninas não tem medo de ir **em** casa do namorado entram em casa e no quarto.

[+permanente]

(19) me mandava buscar em casa ia a bater a palmatória depois de bater a palmatória:ia **para** casa e não voltava mais para a escola

TABELA 4: A preposição selecionada pelos verbos de movimento junto a SN's locativos no português popular de Maputo, segundo a natureza do deslocamento:

	A		Para		Em	
	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.
[- permanente]	18/47	38%	08/47	17%	21/47	45%
[+permanente]	06/15	40%	08/15	53%	01/15	7%
Total	24/62	39%	16/62	26%	22/62	35%

b) a configuração do espaço

A configuração do espaço, conforme MOLLICA (1998) será [+ fechado] quando o complemento circunstancial referir-se à “um lugar cercado, com entrada definida, com ou sem teto” (ex:cinema, casa, clube, maracanã, hospital, quarto, circo, etc); e [-fechado] quando em “lugar indefinido e/ou abstrato e os considerados de difícil classificação” (ex:praia, cidade, Paraíba, Simões Filho, rio, riacho), como nos exemplos (35) e (36):

[-fechado]

(20) ... eu vou pra, pra não sei aonde, entro num beco desses aí e vai **pro** Rio Vermelho

[+fechado]

(21) ia **pra** venda beber, quando ele chegava dentro de casa já chegava cheio e pronto

TABELA 5: Preposição selecionada pelos verbos de movimento junto a SN's locativos no português popular de Salvador, segundo a configuração do espaço:

	Para		Em	
	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.

[- fechado]	21/27	78%	06/27	22%
[+fechado]	34/57	60%	23/57	40%
Total	55/84	65%	29/84	35%

Na tabela 5, verifica-se que a configuração do espaço [-fechado] está correlacionada ao uso da preposição *para*, com um percentual de 78%, enquanto a configuração do espaço [+fechado] favorece o uso da preposição *em*, com um percentual de 40%.

Por outro lado, no português de Maputo, os resultados dessa variável diferem do português popular de Salvador, a preposição *em* relaciona-se ao traço de [-fechado], com percentual de 38% e a preposição *a* relaciona-se ao traço [+ fechado], com frequência de 42%:

[-fechado]

(22) eu perdi se fosse que eu também não fui à europa embora que os meus pais não tinham condições.

[+fechado]

(23) ha: depois da quarta classe fui: à escola: secundária - nessa altura chamavam escola preparatória.

TABELA 6: A preposição selecionada pelos verbos de movimento junto a SN's locativos no português popular de Maputo, segundo a configuração do espaço:

	A		Para		Em	
	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.	Nº oc./Total	Freq.
[- fechado]	04/13	31%	04/13	31%	05/13	38%
[+fechado]	19/45	42%	10/45	22%	16/45	36%
Total	23/58	40%	14/58	24%	21/58	36%

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa transplantada para outros continentes assumiu características peculiares, que, atualmente as distancia do português europeu, como por exemplo a construção do verbo de movimento *ir* com a preposição *em* (ex: *eu vou na cidade*), atestada na fala de brasileiros, angolanos e moçambicanos.

O paralelo aqui estabelecido entre o português popular brasileiro (PPB) e o português popular moçambicano (PPM), no que se refere à regência variável com o verbo de movimento *ir* permite observar que:

(i) no PPB, a variante apresenta *para* predomina com 61% de realização; apresentando-se em segundo lugar a preposição *em com* (29%);

(ii) no PPM, a variante *a* e *em* apresentam um uso equilibrado, com o percentual de 34% para a primeira e 31% para a segunda.

(iii) o traço [+ permanente] favorece a preposição *para* e o [- permanente] nas duas variedades;

(iv) o traço [+ fechado] está associado à preposição variante menos padrão *em*, enquanto o traço [-fechado] está associado as variantes padrão (*a /para*) nas duas variedade.

O comportamento da regência variável do verbo *ir* nas variedades de língua portuguesa só poderá ser melhor analisado quando o fenômeno for analisado no português europeu e quando forem disponibilizados estudos que facilitem o conhecimento das línguas africanas., pois, dessa maneira, talvez seja possível compreender se a regência do verbo de movimento *ir* com a preposição *em* está ou não associado à interferência das destas línguas. Contudo, espera-se que este trabalho venha a contribuir para o conhecimento não só da realidade lingüística brasileira, mas também de outras variedades de língua portuguesa, como por exemplo, a moçambicana, demonstrando que

a regência, como tudo na língua, a pronúncia, a acentuação, a significação, etc., não é imutável. Cada época tem sua regência, de acordo com o sentimento do povo, o qual varia, conforme as condições novas da vida [...](NASCENTES, 1960)

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. (1920) O dialeto caipira. Biblioteca virtual de literatura. Acesso ao site: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=7381 em 30/04/08.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (2005) *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, (Língua[gem]11)

CUESTA, Pilar. V. (1994) Observações sobre o português de Moçambique. In: LORENZO, Ramón (org.) Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filologias Românicas. VI sección. A Coruna: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

LUCCHESI, Dante. (2001) As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil, *D.E.L.T.A.*, São Paulo, 17: 1, p. 97-130.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1936].

MINGAS, Amélia (2000) *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campos das Letras.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. (1996) A regência variável do verbo IR de movimento. Cap.6. In: (Orgs) SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Martte Pereira. *Padrões Sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ.

NASCENTES, Antenor. (1953) *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Organizações Simões.

NASCENTES, Antenor. (1960) *O problema da regência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos.

PINTZUK, Susan. (1988) VARBRUL programs. ms.

RIBEIRO, Antonio João Carvalho. (1996) Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Antonio João Carvalho. (2008) Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo ir na fala carioca. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras.

VALLO, Mário Anastácio Galdino do. (2003). A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense. Dissertação de mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

VALLO, Mário Anastácio Galdino do. (2004) A regência do verbo ir de movimento na perspectiva variacionista. In: HORA, Dermeval (Org.). Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti.